



DIABETES MELLITUS FELINA

Fernanda Ferreira Lima de Faria, Rodolfo Malagó
fernandafaria13@gmail.com, rmalago@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho aborda uma pesquisa descritiva, qualitativa do tipo revisão bibliográfica sobre Diabetes mellitus felina, no qual, foram utilizadas monografias e artigos científicos como base, publicadas no período de 2012 a 2016. A diabetes mellitus tipo II se trata de uma síndrome hiperglicemiante que está cada vez mais comum em felinos de meia idade induzida pela obesidade. Descrita como uma síndrome endócrina crônica com disfunção das células β , resulta em uma deficiência relativa ou absoluta de insulina e culmina em aumentos séricos dos níveis glicêmicos. Segundo estudos, essa disfunção ocorre pela deposição de substâncias amiloide, glicotoxicidade e lipotoxicidade no pâncreas, que levam a apoptose das células β . Foi demonstrado que felinos obesos apresentam uma probabilidade de 6 a 9 vezes maior de desenvolverem diabetes do que felinos com peso ideal. É importante notar que embora a obesidade provoque insulino-resistência, nem todos os felinos obesos desenvolvem diabetes. O paciente felino com suspeita de diabetes mellitus tipo II apresentará emagrecimento, poliúria, polifagia e polidipsia, mesmo em animais obesos. Cerca de 10% dos felinos apresentam sinais evidentes de neuropatia diabética, manifestada como fraqueza dos membros posteriores, decréscimo da capacidade de saltar e postura plantígrada, letargia, assim como pelagem seca que em mau estado também são frequentes. O exame físico pode revelar hepatomegalia e os gatos com diabetes complicada (cetoacidose diabética) evidenciam letargia, anorexia, ingestão de água reduzida e vômito. O diagnóstico é realizado por meio dos sinais clínicos e do exame bioquímico sanguíneo - dosagem de glicose sanguínea, no qual, terá presença de hiperglicemia (100% dos casos) e glicosúria na urinálise. A maioria dos felinos só apresenta diabetes quando as concentrações de glicose sérica excedem a capacidade de reabsorção renal (aproximadamente 270mg/dl) uma vez que, habitualmente, é apenas nesta fase da doença que os sintomas se tornam visíveis. O tratamento da doença deve ser iniciado imediatamente após o diagnóstico e consiste em eliminar os sintomas e prevenir complicações futuras por meio de manejo alimentar, insulino-terapia ou uso de agentes hipoglicemiantes orais. Contrariamente ao observado para a espécie canina, as hipóteses de remissão da doença em gatos diabéticos, com o tratamento adequado são de 50%. Isso ocorre por meio da normalização da glicemia (90-270mg/dl) e medição da frutossamina. Pode ocorrer em cerca de 50% dos gatos, habitualmente, durante os 3 primeiros meses de tratamento. Um bom controle glicêmico inverte o efeito da glicotoxicidade. Se o tratamento for iniciado logo após o diagnóstico, as hipóteses de remissão aumentam. Conclui-se então, que o diabetes mellitus felina é uma doença crônica endócrina em que o animal apresenta uma deficiência na produção de insulina, frequentemente diagnosticado em felinos obesos e de meia-vida à idosos, que pode apresentar remissão se tratado nos três primeiros meses imediatos ao diagnóstico. Esta doença não tem cura, entretanto, o animal pode ter um bom prognóstico se tratado corretamente.



O USO DO BARBATIMÃO (STRYPHODENDRON BARBATIMAN) E SUA EFICÁCIA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA CUTÂNEA EM BOVINO: RELATO DE CASO

Cássia Maria Joaquim, Leonardo José Rennó Siqueira

casmaj@hotmail.com, leonardo.renno@fepi.br

RESUMO

As feridas cutâneas podem interferir de modo significativo no bem-estar do animal, podendo afetar de maneira negativa sua produção. O processo cicatricial é um evento complexo e ocorre de forma simultânea, interativa e dinâmica. Atualmente, diversos estudos comprovam a eficácia de fitoterápicos, utilizados mais comumente para tratamento de lesões cutâneas em humanos e animais. Para que haja a recuperação do tecido lesionado, a intensa atividade celular é requerida. A avaliação diária da lesão associada ao tratamento adequado é de fundamental importância para a rápida reabilitação do animal. Os altos custos de medicamentos alopáticos podem se tornar um obstáculo frente à tratamentos convencionais utilizados para a reabilitação da saúde do animal. Por isso, a busca por tratamentos alternativos com medicamentos fitoterápicos têm crescido atualmente. Os medicamentos fitoterápicos atuam de maneira semelhante aos medicamentos alopáticos, e permitem maior acessibilidade ao pequeno produtor por muitas vezes serem plantas nativas da própria região, além do fato de que, por se tratar de um produto natural, não necessita de período de carência, sendo assim sua utilização é permitida em qualquer período de desenvolvimento do animal e de lactação. Diversas são as plantas utilizadas para extrato e confecção de pomadas, cremes e soluções aquosas e, dentre elas, o barbatimão ocupa posição de destaque por suas propriedades terapêuticas e cicatrizantes. O presente trabalho teve por objetivo o de relatar a eficácia do uso da pomada com extrato de barbatimão no tratamento de lesões cutâneas em um bovino acometido. A lesão de maior extensão e perda se localizava na região ventrolateral do abdome, próximo ao membro pélvico esquerdo e a segunda lesão, decorrida de amputação traumática da cauda, ao nível da 5ª e 6ª vértebras coccígeas. Diariamente as feridas foram limpas com água abundante e após avaliação, a aplicação da pomada foi realizada. O processo cicatricial se deu de maneira satisfatória, mesmo na ferida de maior perda tecidual, e foi possível observar a cicatrização completa do coto da cauda após 59 dias, e da lesão em região ventrolateral do abdome após 180 dias. Quando comparada ao uso do medicamento alopático Unguento©, a pomada de barbatimão demonstrou ser uma alternativa eficaz e rentável para tratamentos de longa duração, o que incentiva a adesão do pequeno produtor. Devido as propriedades adstringente, antisséptica, antioxidante e cicatrizante deste fitoterápico, foi possível concluir, mediante a apresentação deste relato de caso, que o uso da pomada com extrato de barbatimão foi eficaz na cicatrização de ambas feridas cutâneas.

Palavras-chave: Fitoterápico. Lesões. Pele.



EFICIÊNCIA PLACENTÁRIA EM OVINOS E SUA CORRELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO E SOBREVIVÊNCIA FETAL: RELATO DE CASO

Mariel Cleto da Silva, Leonardo José Rennó Siqueira

marielmvet@gmail.com, leonardo.renno@fepi.br

RESUMO

Em ovinos, uma das principais causas que levam à morte dos recém-nascidos deve-se a insuficiência placentária. A placenta, nas ovelhas, se origina da junção do alantoide vascular com o cório avascular, permitindo maior superfície de contato com o feto devido as projeções das vilosidades (cotilédones). Assim, para que ela se torne eficiente, é necessário que haja a capacidade de sustentar o desenvolvimento fetal, entretanto existem alguns fatores que podem influenciar em sua eficácia como: nutrição oferecida durante a gestação, número e tamanho dos fetos e idade da matriz. Nesse sentido, em gestação múltipla (mais de um neonato), o desenvolvimento dos fetos é reduzido devido à competição intrauterina, o espaço disponível para seu crescimento no útero, a placenta de menor tamanho e com menos cotilédones e o suprimento de nutrientes e oxigenação. Dessa forma, o desempenho reprodutivo é diretamente influenciado pela nutrição das fêmeas em estado de gestação, sendo que nas últimas duas a quatro semanas é indispensável o correto manejo nutricional, pois é o período no qual há maior exigência de nutrientes pelo feto, assim assegurando o seu desenvolvimento. Além disso, o tamanho dos fetos também pode afetar negativamente na sua sobrevivência; conceptos muito grandes/pesados tendem a passar por complicações no parto e, por outro lado, fetos pequenos/leves são prejudicados tanto na gestação, devido a deficiência placentária e menor suprimento nutricional, quanto no pós-parto, estando propensos a desenvolverem doenças degenerativas e atrasando seu desenvolvimento neurológico. Ademais, estudos apontam que fêmeas velhas, entre três a oito crias, geralmente apresentam cordeiros maiores e com maior probabilidade de gestação múltipla. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar um relato de caso relacionado ao atendimento realizado no município de Piranguinho – MG, no qual o proprietário relatou que seu animal, uma ovelha com cerca de quatro crias, apresentava dificuldade em parir. Ao atendimento, notou-se que se tratava de um parto distócico, no qual o primogênito da ninhada encontrava-se em posição anormal e inadequada, sendo então uma apresentação longitudinal posterior superior, na qual os membros pélvicos ficam posicionados na região da cérvix ao invés dos membros anteriores e o dorso voltado para a região dorsal da mãe, além disso, um dos membros posteriores do animal encontrava-se flexionada e retida no interior da cavidade uterina, já os membros anteriores se encontravam esticados cranialmente e o pescoço dobrado ao ventre; com isso, a abordagem primária foi conter a mãe, seguido de lubrificação das luvas e palpação vaginal para conseguir identificar corretamente a posição do primeiro feto. Após isso, fez-se a correção de um membro que se apresentava já exteriorizado e também do que estava preso na cavidade uterina, para que fosse possível a remoção do mesmo. Também foi realizado uma palpação mais profunda para a conferência de possíveis outros cordeiros, sendo então localizados, além do que já havia sido retirado, mais três conceptos. Ademais, devido ao tempo prolongado do parto, ultrapassando os limites fisiológicos e do histórico de partições de múltiplos filhotes em suas gestações anteriores, ocasionando competição intrauterina e provável asfixia dos fetos, estes nasceram sem vida, com exceção do quarto cordeiro que apresentou resposta aos estímulos externos ao nascer, porém não sobreviveu devido



condições fisiológicas (menor da ninhada) e extrínsecas (apresentava-se muito ao fundo do útero, causando dificuldade em percebê-lo e removê-lo, e tempo prolongado permanente no útero). Portanto, esperamos conseguir atingir uma maior elucidação sobre a correlação da eficácia placentária e seus desafios na criação de ovinos, visando reduzir infortúnios como o apresentado neste relato de caso, melhorando a qualidade e o desenvolvimento da ovinocultura.

Palavras-chave: Fetal. Distócico. Ovinocultura.



ESTUDO SOBRE A FEBRE MACULOSA NA ESPÉCIE HYDROCHOERUS HYDROCHAERIS

Diego Miguel de Oliveira, Diogo Silva Reis, José Roberto da Silva Filho

diego.miguel.oliveira2016@gmail.com, diogosilvareis0@gmail.com, biovetcursos@outlook.com

RESUMO

As capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) pertencem a família Caviidae e a sub família Hydrochoerinae. São roedores, herbívoros e não ruminantes, sendo o maior dentre as espécies. Estes mamíferos da fauna silvestre vivem em grupos e em locais planos, próximos a meios aquáticos que possibilitam a reprodução e locomoção diante a fugas, caso ameaçada por algum predador. Com elevadas taxas de fertilidade e fecundidade, somadas aos desequilíbrios ambientais, como desmatamento para atividades agrícolas e para a urbanização, contribuíram significativamente no aumento das populações das capivaras, tornando assim estes animais mais próximos diante da rotina dos seres humanos, onde circulam livremente em vias e parques públicos, apresentando alta infestação por ectoparasitas. Por este motivo deve se ter uma preocupação com a saúde pública tendo em vista o potencial zoonótico que este indivíduo possui. Este trabalho tem como objetivo fazer uma revisão literária da Febre maculosa, dos principais hospedeiros e dos vetores responsáveis pela disseminação desta zoonose, onde será utilizado como material base para estudos futuros. Com intuito de obter informações sobre o respectivo assunto está sendo realizado uma revisão de literatura, verificando as principais doenças transmitidas pela capivara dando ênfase na Febre maculosa. Nesta revisão foi verificado que este animal é o hospedeiro definitivo do carrapato *Amblyomma cajennense* cujo é portador da bactéria *Rickettsia rickettsii* agente da Febre maculosa. A picada do carrapato é o fator primordial para a disseminação da doença, que ao entrar em contato com as células hospedeiras, irá fazer a contaminação, assim, tendo como consequência a multiplicação das mesmas. Esta doença foi relatada no estado de Idaho nos Estados Unidos, no final do século XIX e depois descrita por Howard Taylor Ricketts em 1906, que identificou o carrapato como principal vetor da transmissão. No Brasil foi identificada pela primeira vez no ano de 1929 em São Paulo e posteriormente nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Os sintomas nos seres humanos aparecem depois de um período de incubação, que varia de 2 a 14 dias após a picada do parasita. Pode-se evidenciar febre elevada, prostração, mialgia, hiperemia das conjuntivas, cefaleia, náuseas e vômitos. Para que seja diagnosticada a Febre maculosa, é importante ressaltar que o indivíduo esteja próximo ao término do período de incubação ou seja entre o 10º ao 14º dia. Os métodos sorológicos compreendem os principais meios de diagnóstico, as técnicas utilizadas são a Imunofluorescência indireta, a Fixação do complemento, a Microaglutinação, Elisa e PCR. O tratamento é realizado de acordo com o grau da sintomatologia, podendo ser utilizado a doxiciclina em casos leves e moderados e o cloranfenicol em estágios mais severos que requerem a internação do paciente. É importante ressaltar que este mamífero pode ser também portador de outras enfermidades como a Raiva, Brucelose, Febre Aftosa, Leptospirose, Tuberculose, entre outras. Em um estudo realizado por Barros e Silva et al, (2014) foi analisado que entre os anos de 2007 a 2012 foram notificados cerca de 9644 casos de Febre Maculosa, onde 7,6% (734/9644) foram confirmados e a maioria dos casos as pessoas relataram ter frequentado mata, floresta, rios ou cachoeiras. Conclui-se com esta revisão que a Febre maculosa é uma enfermidade de notificação obrigatória pelo risco que pode apresentar a saúde pública, principalmente por estar próxima aos seres humanos na zona urbana, rios, parques entre outros.



RELATO DE CASO: ABSCESSO CASEOSO EM PAVÃO "PAVUS CRISTATUS"

Ana Paula Ribeiro Fortes, Luan Keving da Rosa Costa, José Roberto da Silva Filho
luan.keving.costa@gmail.com, anarfortes2018@gmail.com, biovetcursos@outlook.com

RESUMO

RELATO DE CASO: Abscesso caseoso em pavão “Pavo cristatus” Luan Keving da Rosa Costa, Ana Paula Ribeiro Fortes, José Roberto da Silva Filho Foi atendido no Centro Veterinário de Itajubá, um pavão (*P. cristatus*) do sexo feminino de 2 anos de idade pesando 3,3 kg, que apresentava um aumento na região de cabeça. Por conta da localização e dimensão dessa lesão, o animal sentia grande desconforto além do comprometimento de sua vista direita. Após anamnese detalhada, exame clínico, avaliação do histórico do paciente, suspeitou-se de abscesso subcutâneo. Assim o tratamento foi estabelecido imediatamente, baseando-se em drenagem por meio de incisão cirúrgica, sendo utilizado como protocolo anestésico, cetamina na dosagem de 75 mg/kg associada a diazepam na dosagem de 2,5 mg/kg e bloqueio local com lidocaína a 2%. No operatório foi realizada a drenagem do abscesso, swab do material coletado e encaminhamento do mesmo para laboratório e realização de cultura e antibiograma. Foi realizada também a lavagem da cavidade drenada, com soro fisiológico e água oxigenada. Já no pós operatório foi aplicado enrofloxacina na dosagem de 10 mg/kg e meloxicam na dosagem de 0,2 mg/kg por via sistêmica como medidas profiláticas. Sendo receitado para continuidade do tratamento, lavagem da ferida com água oxigenada uma vez ao dia por dois dias, ibuprofeno e enrofloxacina via oral por cinco dias e aplicação tópica de sulfadiazina de prata até completa cicatrização. Na amostra do conteúdo oriundo do abscesso enviado foram isoladas duas espécies de bactérias, *Klebsiella pneumoniae* e *Alcaligenes faecalis* e no antibiograma obteve-se como resultado respectivamente, resistência apenas a ampicilina para a primeira e resistência a nenhum antibiótico para a segunda, em relação às bases testadas. Ambas as espécies citadas acima podem ser facilmente encontradas no ambiente. A *K. pneumoniae* é uma bactéria gram-negativa anaeróbica facultativa, comensal do trato gastrointestinal da maioria dos animais, é um patógeno oportunista de grande relevância na medicina veterinária responsável por causar diversas enfermidades em variadas espécies, como mastites, enterites, sepses e abscessos. Já a *A. faecalis* são bastonetes gram-negativos curtos, de aproximadamente 1 µm de diâmetro por 2 a 3 µm de comprimento, dimórficos, móveis, flagelados, aeróbicos e pertencentes à família *Achromobacter*. Essa bactéria é um microrganismo saprófito e pode constituir a microbiota de alguns seres humanos, considerada como emergente para enfermidades transmitidas através de alimentos. Sendo de suma importância a realização de antibiograma, uma vez que bactérias comumente adquirem resistência a antibióticos, tendo o antibiograma como ferramenta de tratamento efetivo. Além da importância do conhecimento de microrganismos presentes no meio ambiente e que podem se tornar patogênicos uma vez que ocorra falha no mecanismo de defesa do animal. Assim o presente trabalho terá como objetivo relatar detalhadamente o caso em estudo, bem como trazer pontos relevantes relacionados ao contexto.

Palavras chaves: Coliformes fecais. Infecção ambiental. Saneamento.



PROLAPSOS DO SISTEMA REPRODUTOR EM BOVINOS

Heloise Ivo Pereira, Prof. Me. Leonardo José Rennó Siqueira.

heloiseivop@gmail.com

RESUMO

O presente pré-projeto de pesquisa terá por objetivo evidenciar as especificidades anatômicas relevantes envolvidas no estudo da patologia dos prolapsos uterinos e vaginais. Os prolapsos acontecem no período próximo ao parto, geralmente em fêmeas adultas ou mais velhas, onde acontecerá um relaxamento demasiado da fixação vaginal ou uterina, que pode ser exteriorizada. Devido a pouca quantidade de estudos nesta área, ainda não se sabe a causa exata dessa enfermidade, porém a predisposição hereditária e os agentes mecânicos causados pelo homem, distúrbios hormonais, defeitos anatômicos, além de altas taxas de gordura intra-abdominal, também podem ser algum dos fatores predisponentes. Sinais clínicos comumente observados são, exposição vaginal completa ou parcial pela rima vulvar, possível dobramento da uretra e deslocamento da bexiga, prolapso retal e congestão venosa que poderá causar desvitalização da estrutura prolapsada. Além do prolapso comprometer a saúde das fêmeas bovinas, essa patologia pode levar a casos mais severos causando edemas e hemorragias e até mesmo a morte do animal. Para os que sobrevivem, podemos esperar sequelas como tromboembolismo e infertilidade. Para o total estabelecimento do animal em geral deve-se fazer um acompanhamento de suporte, e concomitantemente um tratamento eficaz a base de antibioticoterapia. A exteriorização da vagina poderá causar vaginite, cervicite e por fim aborto do feto que poderá estar contaminado. Em certos casos é necessário a amputação do órgão severamente traumatizado ou necrosado. Os impactos econômicos são de extrema importância para os produtores de gado leiteiro e de corte, com a queda da produtividade leiteira e na reprodutividade das fêmeas bovinas, além de ser recorrente em animais de alto valor comercial, portanto não se deve acasalar animais anteriormente acometidos e/ou que tenham predisposição genética. O procedimento se inicia, caso a vaca se mantenha de pé, com a limpeza do útero e reposição em sua posição inicial. A pressão de retorno deve se iniciar na cérvix e progredir gradativamente até o restabelecimento de sua anatomia original. Em casos extremos pode-se ocorrer tenesmo, abertura cervical externa aumentada podendo impedir a micção e levar a ruptura da bexiga. O tratamento deve ser iniciado logo após o processo de encolhimento do útero, onde utiliza-se principalmente água gelada. Logo em seguida, administra-se uma dose de ocitocina que promoverá contração uterina auxiliando no processo de reposição do órgão. Após ampla tricotomia e assepsia cuidadosamente realizada na região endometrial, um anestésico epidural entre a quinta vértebra sacral e a primeira vértebra coccígea deverá ser aplicado e a reposição do útero, ou retomada da vagina para a cavidade pélvica, corretamente evitará recidivas. Métodos conhecidos de vaginopexia, como a sutura de Buhner, em que a mucosa vaginal prolapsada é mantida em sua posição natural por estreitamento vulvar simulando a ação do músculo constritor do vestíbulo vaginal, são os mais utilizados por sua eficiência e simplicidade. Posteriormente ao procedimento a região deverá ser tratada com antimicrobianos e anti-inflamatórios por 15 dias. O tratamento eficaz gerará um prognóstico que será em sua maioria favorável, nos métodos adequados de limpeza e reposição do órgão e com os cuidados necessários para prevenir a saúde do animal, a produção será maximizada e perdas econômicas serão evitadas.

Palavras-chave: Vacas. Genital. Patologia.



HÉRNIA UMBILICAL EM BEZERRO: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

Gabriela Lavorato Soares, Leonardo José Rennó Siqueira

gabslavorato@gmail.com, leonardorenno3@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente trabalho será o de elucidar os tipos de Hérnias existentes e a importância da intervenção cirúrgica em alguns casos da mesma. A criação de bezerras é uma das fases de maior importância e com alguns desafios na bovinocultura, visto que certas enfermidades podem acarretar em perdas econômicas ao produtor, pois provocam um custo oneroso com assistência médica veterinária, além de prejudicar a fase de crescimento das bezerras, onde interferem de forma negativa no ganho de peso das mesmas, e em alguns casos pode levar ao óbito. Dentre as principais doenças que acometem as bezerras neonatas destacam-se vários casos de Hérnias Umbilicais, tendo como origem fatores genéticos ou adquiridos. O termo Hérnia refere-se a protusão total ou incompleta de um órgão, podendo ser classificada conforme a estrutura, alteração funcional, conteúdo e localização abdominal, em falsas ou verdadeiras, complicadas e não complicadas e quanto a sua reutilizabilidade. Elas devem possuir três componentes: anel, saco e conteúdo. Na maioria dos casos as hérnias envolvem a protusão de conteúdos abdominais que saíram de sua posição anatômica para uma localização errônea, na maioria das vezes o conteúdo da mesma envolve o peritônio, abomaso e alças intestinais. A Hérnia Umbilical é uma insinuação do anel umbilical que não evoluiu de órgãos e estruturas da cavidade abdominal envolvidos pelo peritônio. O anel umbilical se fecha nos primeiros dias após o nascimento formando o umbigo. No tempo em que o umbigo permanece aberto, o recém-nascido é suscetível a infecções crescentes pela artéria umbilical, veia umbilical e útero. Os bovinos apresentam situações onde ocorrem a resolução espontânea das hérnias umbilicais quando são menores que três centímetros, porém, quando são maiores ou estão estranguladas, encarceradas, deve ser reparado através da intervenção cirúrgica denominada de herniorrafia aberta ou fechada. O ideal é realizar a cirurgia o mais depressa possível antes que o animal fique grande e atinja sua maturidade se eventualmente não notar uma evidente resolução externa. Se o animal tiver uma falha extensa na parede abdominal, ou tenha presente uma hérnia incisional decorrente de procedimento cirúrgico anterior, deve-se submetê-lo a implantação de uma prótese em malha. O objetivo do presente trabalho será o de elucidar os tipos de Hérnias existentes e a importância da intervenção cirúrgica em alguns casos da mesma. Será realizado por meio de consulta literária, em artigos relacionados com Hérnias Umbilicais. As pesquisas serão realizadas baseando-se em consultas literárias feitas em periódicos científicos e livros da área em questão. O resultado esperado é o de aumentar o conhecimento dos acadêmicos sobre esta patologia pois ela é de grande importância apesar dos produtores terem pouco conhecimento por falta de assistência e até negligência. Com isso, o diagnóstico precoce e a intervenção cirúrgica imediata é de extrema importância para minimizar os prejuízos econômicos.



REDUÇÃO DE FRATURA COMPLETA, COMINUTIVA, EM TERÇO DISTAL DO ÚMERO EM GAVIÃO CARIJÓ "RUPORNIS MAGNIROSTRIS" : RELATO DE CASO

Asttor Giorgio Simões Pereira Ferreira Fonseca, José Roberto da Silva Filho

asttorfonseca@gmail.com, biovetcursos@outlook.com

RESUMO

O Gavião Carijó ("Rupornis magnirostris", do (grego) rhupos = sujo, sujeira; e ornis = pássaro; e do (latim) magnus = grande; e rostris = bico. Ave suja de bico grande) é um rapinante da Ordem dos Accipitriformes, da Família Accipitridae, possui habito alimentar carnívoro, é encontrado do México á Argentina e em todo o Brasil, sendo mais raro em áreas densamente florestadas, é a espécie de gavião mais abundante no Brasil e se adaptaram bem as áreas urbanas. A maior casuística das aves de rapina de vida livre encaminhadas pelos órgãos ambientais para atendimento veterinário é relacionada a traumas que, muitas vezes, resultam em incapacitação ou morte dos exemplares. As causas mais frequentes de traumatismo em aves envolvem colisão com edificações, vidraças e veículos, acidentes com arame farpado e linhas de pipa, ataques de predadores, queimaduras por choque elétrico e feridas de projéteis. Tais situações podem resultar em lacerações, garroteamento, comprometimento da plumagem, fraturas e luxações. Além dessas, outra ocorrência comum é a impregnação das penas por graxa, piche, fuligem e colas utilizadas em armadilhas para pragas urbanas. Foi atendido um Gavião Carijó ("R. magnirostris") jovem, sem sexo definido, com massa corporal de 216g, de vida livre e histórico desconhecido, com lesão na asa esquerda, presença de escoriações, edema e hematoma, apresentando impotência funcional da asa, com fratura completa, cominutiva, em terço distal do úmero confirmada por meio de radiografia. O tratamento de fraturas umerais distais em aves impõe grande dificuldade para tratamento e cura, pois estes ossos são pneumáticos, sendo suas córtices muito finas. Na ortopedia de aves selvagens, o médico veterinário deve avaliar, ao decidir pelo tipo de tratamento a ser adotado, o prognóstico relacionado ao voo; pois, ao tratar-se de aves de vida livre, estas podem vir a serem obrigadas a permanecer em cativeiro pelo resto da vida caso o membro acometido não seja totalmente recuperado ou fique com sequelas (Bolson e Schossler, 2008). As fraturas podem ser simples, com um ponto de descontinuidade, compostas, em que há dois ou mais locais fraturados, ou cominutivas, com diversos estilhaços ósseos. No momento da fratura ocorre a torção do periósteo e endósteo, o que causa rompimento de vasos sanguíneos e interfere na irrigação, com formação de coágulos e morte de osteócitos locais. Em seguida, há a liberação de citocinas pró-inflamatórias que atraem macrófagos para retirarem o coágulo e tecido morto. A cicatrização da fratura ocorre com a formação do calo fibroso, que representa um remodelamento do osso para o processo de consolidação, em que esse será substituído por cartilagem e ocorrerá a calcificação endocondral e o remodelamento (GUEDES, 2016). Foi realizada a imobilização por meio de uma tala em X, esta técnica possibilitou uma boa coaptação dos fragmentos ósseos, formando um calo ósseo, porem ainda não possibilitando o voo. Esta técnica obteve um sucesso parcial do ponto de vista que o animal mantém um voo de curta distancia, mas não será possível a soltura da ave que não poderá voltar à vida livre, restringindo-a ao cativeiro.



REVISÃO LITERÁRIA SOBRE AS PRINCIPAIS ZONOSSES VINCULADAS AO POMBO DOMÉSTICO (COLUMBA LIVIA), DE HÁBITOS SINANTRÓPICOS, E ASPECTOS SANITÁRIOS DA ESPÉCIE.

Beatriz Silva Almeida, Gabriel Henrique da Silva, José Roberto da Silva Filho

biasilvaalmeida773@gmail.com, Gabriel.h.s.260102dk@gmail.com, biovetcursos@outlook.com

RESUMO

Por centenas de anos diversas espécies de animais mudaram de seu espaço natural de origem muitas vezes não por escolha própria, mas por interferência do ser humano. Esse tipo de acontecimento traz uma série de fatores prejudiciais ao animal e não só a ele como também ao ambiente em que esse foi inserido. Um exemplo seria o aparecimento do pombo doméstico (*Columba livia*) na maioria dos continentes, esse animal possui um tamanho de 28 à 38cm e pode chegar a um peso de 180 à 365g, é comumente identificado por uma plumagem cinza escura com penas verdes na região do pescoço, porém existem diversas cores de plumagem para esta espécie, faz parte do filo Chordata, da ordem Columbiformes e do gênero *Columba*. No Brasil, os pombos domésticos foram introduzidos pelos colonizadores portugueses com o intuito de deixar as cidades brasileiras com algo a mais de sua cultura, como consequência os pombos se proliferaram de tal modo que em algumas regiões se tornaram problema ambiental já que compete por alimento com a avifauna nativa e ainda pode vincular algumas zoonoses. Em virtude do que foi apresentado, esse trabalho tem como objetivo o estudo desses animais (pombo doméstico) por uma visão sanitária expondo possíveis práticas de manejo da espécie, e o estudo das doenças mais comumente causadas por estes com interesse no estudo veterinário bem como seu tratamento. Seu crescimento exponencial em diversas regiões vem da capacidade de se adaptar a diferentes climas, à arquitetura moderna que facilita um ambiente próprio para a nidificação, a falta de predadores e uma incrível disponibilidade de alimentos, já que em regiões urbanas estes animais acabaram desenvolvendo um paladar onívoro, ou seja, deixaram de alimentar-se só de grãos e pequenos vertebrados como seria comum na natureza. Mas com esse enorme crescimento vieram também problemas a saúde única já que por frequentarem diversos locais de uma cidade e comendo qualquer tipo de alimento independente de seu local de oferta estes seres se tornaram um aglomerado de micro-organismos capaz de não só prejudicar os próprios pombos, como também as diversas outras espécies ao seu redor. Dessa forma, grandes são os números de micro-organismo transmitidos por essas aves bem como a *Salmonella enterica*, *Escherichia coli*, *Chlamydomphila psittaci*, *Toxoplasma gondii*, *Cryptococcus neoformans*, doenças da subfamília de vírus *Avulavirinae*, o vírus do Nilo Ocidental (WNV) e diversos outros agentes etiológicos. Como conclusão o trabalho teria como objetivo não só causar impacto ao público como também sua conscientização em relação aos pombos da espécie *Collumba livia* que hoje convivem em “harmonia” com a sociedade.



LAVADO CLOACAL EM SERPENTES E SUAS VANTAGENS

Lara Salgado Marcilio, José Roberto da Silva Filho.

larasalgado1@outlook.com, biovetcursos@outlook.com

RESUMO

O presente trabalho terá por objetivo falar sobre o exame do lavado cloacal em serpentes de cativeiro e suas vantagens. As serpentes fazem parte da Ordem Squamata na subordem Ophidia, e possuímos hoje em todo o mundo cerca de 2.900 espécies conhecidas. Atualmente estão identificadas cerca de 370 espécies de serpentes no Brasil. Nas últimas décadas o número de pets não convencionais, incluindo as serpentes tem conquistado popularidade como animais de companhia. As serpentes podem abrigar uma enorme variedade de endoparasitas. Em seu ambiente natural, muitos dos problemas parasitários são auto limitantes. Entretanto, no cativeiro, pode se tornar um desafio. Quando a carga parasitária se torna elevada, o organismo pode ficar comprometido como um todo, afetando a qualidade de vida do animal. Assim, se faz necessário o conhecimento das doenças parasitárias nesses animais como forma de prevenção. Para isso, recorreremos ao exame coproparasitológico, que tem o objetivo de analisar macro e microscopicamente as fezes, permitindo a identificação de parasitas. Nas serpentes fazemos a coleta do material fecal na cloaca. A cloaca é uma cavidade onde se abre o canal intestinal, o aparelho urinário e o genital. E ela é formada por três compartimentos: coprodeu, urodeu e proctodeu. Nela é possível realizar o lavado cloacal que é o recolhimento de amostras biológicas para a realização dos exames coproparasitológicos e a avaliação da microbiota intestinal, que é possível através do auxílio de uma seringa ou uma sonda lubrificada, com o intuito de atingir a camada denominada coprodeu, para realizar o recolhimento do material fecal. O exame supracitado é invasivo, pois as fezes coletadas diretamente do solo podem ser contaminadas com microrganismos que não fazem parte da flora do animal influenciando o resultado e também o trânsito gastrointestinal pode demorar a ocorrer, dificultando a coleta do material fecal. Por isso é necessário o lavado cloacal. Os parasitas mais comuns do trato gastrointestinal são os nematódeos, cestódeos, trematódeos e protozoários. Dentre os gêneros mais prevalentes estão: *Kalicephalus* sp., *Serpentirhabdias* sp., *Ophidascaris* sp. além de *Strongyloides* sp. Em meio aos protozoários gastrointestinais mais comuns se destaca o *Cryptosporidium* sp.. A vantagem principal do lavado cloacal em serpentes é a segurança de vir um resultado certo, sem influência do meio externo. Vale ressaltar também que o tratamento e o diagnóstico de doenças nesses animais costumam ser muito difíceis, pois eles podem encobrir os sinais clínicos da doença logo o lavado cloacal também consiste em uma forma de medicina preventiva.



ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA EM CAVALOS - RELATO DE CASO

Ana Júlia Gonçalves da Silva, Leonardo José Rennó Siqueira
anajuliagoncalves100@gmail.com, leonardoreno3@gmail.com

RESUMO

A anemia hemolítica imunomediada (AHIM) é definida como sendo a diminuição da sobrevivência eritroide em decorrência das imunoglobulinas e/ou sistema complemento. Esses componentes imunes se fixam na membrana da hemácia, causam opsonização, e em consequência, leva à retirada dos eritrócitos pelo sistema monocítico macrofágico. A AHIM pode ocorrer como um evento idiopático ou ser secundária a uma variedade de distúrbios infecciosos, neoplásicos, entre outros. Independentemente do tipo de anemia ou de sua causa os sinais clínicos resultam da reduzida capacidade do sangue em carrear oxigênio e de certos ajustes fisiológicos para aumentar a eficiência da reduzida massa de eritrócitos circulantes e reduzido trabalho do coração. Dessa forma, são sinais clínicos frequentemente apresentados: apatia, intolerância ao exercício, fraqueza, anorexia, dispnéia, taquipnéia, palidez das mucosas e taquicardia (algumas vezes acompanhada de murmúrios ou sopro sistólico). Também pode ocorrer icterícia, hemoglobinúria e bilirrubinúria. Entre as alterações laboratoriais observadas, a anemia pode ser de moderada a intensa, frequentemente apresentando hematócrito inferior a 15% e de características regenerativas, no entanto, casos de AHIM sem sinais de eritrorregeneração são frequentes em 50% dos casos. Este trabalho objetiva relatar um caso de um equino atendido no Hospital Veterinário Equivet diagnosticado com AHIM, além de ressaltar a importância de exames complementares na chegada ao diagnóstico. Foi encaminhado para o Hospital Veterinário Equivet no dia 10 de julho de 2021, um cavalo mestiço, macho, de aproximadamente 25 anos, pesando em torno de 436 kg, com história clínica de hematuria. No exame físico foi demonstrado frequência cardíaca de 80 bpm, frequência respiratória de 30 mrpm, mucosa oral levemente icterica, tempo de perfusão capilar de 1 segundo, temperatura de 38°C e ausculta abdominal dentro da normalidade. Após o exame físico, foi solicitado hemograma completo mais proteína plasmática total (PPT), hematócrito e hemogasometria. Posteriormente, foi solicitado testes para babesiose (ELISA), erliquiose e leptospirose (PCR Pool), além de urinálise, bioquímico sérico para detecção de cobre, perfil renal e hepático e análise do líquido peritoneal. Em relação ao hemograma foram feitos mais de um, mas em um aspecto geral ele demonstrou a série vermelha sempre abaixo dos valores de referência. O que acontecia na prática era que o animal recebia a transfusão sanguínea, aumentava o hematócrito (14%-18%), porém após 48 horas esses valores não se mantinham, evidenciando queda (14%-10%). O volume corpuscular médio (VCM) estava acima dos valores de referência e a concentração de hemoglobina corpuscular média (CHCM) dentro dos valores, classificando a anemia como macrocítica e normocrômica. Além disso, achados hematológicos como anisocitose e presença de esferócitos (comum na anemia hemolítica imunomediada) estavam presentes. Em relação às hemoparasitoses todos os resultados foram negativos e em relação ao cobre, havia valores aumentados. De acordo com o perfil renal e hepático, notou-se azotemia. A urinálise demonstrou hemoglobinúria. A coleta de líquido peritoneal foi feita pois o animal apresentou um quadro de cólica após dez dias internado. Dois dias depois, o animal começou a apresentar dificuldade respiratória, sendo sugestivo de um quadro de falência múltipla dos órgãos, optando-se pela eutanásia. A anemia hemolítica imunomediada é uma patologia multifatorial,



na qual é de extrema importância que seja feita exames complementares, pois é necessário que se conheça a causa da anemia, pois o tratamento não é direcionado, por si só, para anemia, exceto em situações de emergência, como por exemplo na transfusão sanguínea.



A INFLUÊNCIA DOS GRUPOS RACIAIS NA FERTILIZAÇÃO IN-VITRO.

Rubiane Aparecida de Andrade Santos, Aécio Silveira Raymundy.

rubiane-santos1@hotmail.com, aecio.raymund@fepi.br

RESUMO

A pecuária no Brasil vem se desenvolvendo ao decorrer dos anos, e com isso contribuindo para crescimento na área de reprodução animal, sendo necessário aprimoramento de diversas biotécnicas reprodutivas, com propósito de maximizarem o potencial reprodutivo do rebanho brasileiro, principalmente de matrizes de alto potencial genético, com finalidade em deixar maior número de descendentes ao ano com a Produção in-vitro de embriões, sendo que fisiologicamente uma vaca deixa um descendente ao ano. A biotécnica incide em um processo onde diversos fatores devem ser analisados minuciosamente para garantir bons resultados ao final do procedimento. Com isso objetivou avaliar qual raça e seus respectivos cruzamentos tem melhor desempenho na Fertilização in-vitro (FIV), através de revisão de literatura. Determinados estudos descrevem diferenças nas raças Zebuínas quando comparadas as raças Taurinas, como na fertilidade, quantidade e qualidade de oócitos recuperados pela punção folicular guiada por ultrassom (OPU), e na conversão de embrião ao final da FIV. Entretanto sendo necessário avaliar fatores como a raça e indicador zootécnico da doadora, a capacidade de adaptação as condições ambientais, o quesito genótipo, sazonalidade, idade, sanidade, nutrição, fases do ciclo estral e o sêmen a ser utilizado, sendo esses os aspectos que podem influenciar na taxa de recuperação de oócitos e na conversão de embrião na FIV. Outro fator limitante para distinção de grupos raciais é o Fator de Crescimento semelhante a Insulina (IGF-1) presente nos complexos cumulus oophorus (Ccos), mostra se em desigualdade nos grupos genéticos, dando importância na função oocitária e embrionária. Os Ccos de classificação Grau I apresenta três camadas de células cumulus compactas e citoplasma homogêneo constituindo a melhor classificação para atingir bons resultados no processo de maturação in-vitro, e conseqüentemente no método de fecundação in-vitro, que por sua vez, também pode sofrer influência do sêmem, para completar os estágios e chegar ao estágio de blastocisto, obtendo boa classificação e ser viável para transferência. Em alguns estudos há relatos que o cruzamento de raças Zebuínas e Taurinas de puro sangue (PO) expressa um bom resultado na FIV devido heterose da mestiçagem. Para atingir sucesso e viabilidade com Fertilização in- vitro, a ser levado em consideração os grupos raciais, até o momento os estudos revelam, sendo as raças zebuínas mais escolhidas pelo seu melhor desempenho na capacidade de fertilização, rusticidade e adaptação em comparação as raças Taurinas, porém deve ser considerado a viabilidade para a propriedade. Sendo necessário avaliar o sêmen, quanto a sua qualidade e sexagem. A questão ambiental e sanidade pode afetar fisiologicamente o rebanho, quanto na Produção in-vitro de embriões